

# A FAMÍLIA NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA. BASES E PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Marisa Tayra Teruya\*

## INTRODUÇÃO

A família tem sido abordada sob diferentes enfoques e definições, e suscitado muitas discussões em torno de seu referencial teórico e métodos de análise. As várias tendências sobre a família coexistem e se alimentam reciprocamente através de diálogos ora amistosos, ora antagônicos, posicionando os pesquisadores em debates que confrontam teoria/ empiria, análises econômicas/análises culturais, estudos diacrônicos/ estudos sincrônicos e abordagens "quantitativas"/ abordagens "qualitativas".<sup>1</sup> Estes debates polêmicos, longe de levarem a uma 'auto- destruição' do campo, têm proporcionado um crescimento ainda maior de todas as áreas envolvidas, ao rejeitarem modelos simplistas de análise.

Todos coincidem porém, com ênfases diferentes, na idéia da família como uma instituição mediadora entre o indivíduo e a sociedade, submetida às condições econômicas, sociais, culturais e demográficas mas que também tem, por sua vez, a capacidade de influir na sociedade. Esta dualidade também tem marcado os estudos sobre a família.

A História da Família, que no início da década de setenta se apresentava com contornos mal definidos e freqüentemente confundida com o que poderia ser considerado alguma de suas partes, chegou aos anos noventa renovada, movimentando-se de uma visão limitada da família como uma unidade estática no tempo, para ser examinada como um processo ao longo da vida inteira de seus membros. Passou do estudo das discretas estruturas domésticas para a investigação das relações da família nuclear com o grupo de parentesco mais vasto e do estudo da família como uma unidade doméstica distinta para um exame da interação familiar com os mundos da religião,

---

\* Doutoranda em História Social – Universidade de São Paulo; bolsista FAPESP.

<sup>1</sup> Ver Fonseca, Cláudia- *A História Social no Estudo da Família: Uma Excursão Interdisciplinar*. In: **BIB**, Rio de Janeiro: ANPOCS, n27, 1 sem. 1989, .pp. 51-73.

trabalho, educação, instituições correccionais e sociais e com os processos tais como de migração, industrialização e urbanização.<sup>2</sup>

No Brasil, os historiadores da família também estiveram atentos ao debate teórico que se processava nos meios acadêmicos europeus e norte-americano, a partir dos anos setenta. Resguardando nossas especificidades históricas, adaptaram e desenvolveram metodologias próprias à documentação disponível. Assim, nas últimas décadas, as pesquisas na área têm provocado revelações surpreendentes sobre o nosso passado e novas visões acerca da sociedade brasileira.

O estudo da família brasileira está vinculado a dois posicionamentos conceituais específicos: um primeiro, que projeta-se a partir do modelo de família patriarcal como sendo um modelo a- histórico de família brasileira; e um segundo, onde este modelo é revisto.

Neste primeiro momento, a família patriarcal foi tomada como 'civilizadora', ao impor sua ordem e sua solidariedade a uma ordem social que seria, de outra maneira, desorganizada e anômica, sendo as outras organizações familiares possíveis, "apêndices" e complementos daquela estrutura patriarcal. Esta idéia acabou ocupando também, todos os espaços possíveis de compreensão da sociedade brasileira, e marcou todo um período de produção acerca do tema.

Segundo Corrêa, "a trajetória da ocupação do território natural brasileiro e de seu espaço social foi assim apresentada como uma linha cheia, central, homogênea, que percorreu a nossa história acompanhada de perto, nas margens, por linhas pontilhadas: ramificações, veredas, afluentes secundários de um caminho seguramente traçado do exterior para o interior do nosso mapa, do fundo do nosso passado para o presente, dos campos para as cidades."<sup>3</sup>

O segundo momento é marcado pela percepção de que o poder absoluto da família patriarcal obscureceu outras formas de organizações familiares que se organizaram por todo o território nacional e refletiam as possibilidades de sobrevivência de uma população numerosa numa sociedade desigual. Constatou-se que "ainda que a família patriarcal tenha existido e sido extremamente importante, é preciso sempre

---

<sup>2</sup> Ver Hareven, Tamara- *The History of the Family as an Interdisciplinary Field*. In: Rabb, Theodore (eds.) **The Family in History. Interdisciplinary Essays**. New York, Harper & Row, 1973, pp. 211-226; *The History of the Family and the Complexity of Social Change*. In: **The American Historical Review**. V.96, n1, feb.1991, pp.95-124.

<sup>3</sup> Corrêa, Mariza- "*Repensando a família patriarcal brasileira*".In: Almeida, Angela (org.) **Colcha de Retalhos. Estudos sobre a família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

lembrar que ela certamente não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira”, nem tampouco era uma parcela significativa no todo populacional.<sup>4</sup>

O assunto está aqui organizado da seguinte forma: "*Matrizes Conceituais*", que passa pela descrição da família patriarcal e seus autores clássicos; "*Evolução e Transformação do Modelo*", que aborda como a família patriarcal foi analisada para o século vinte, juntamente com as teorias incorporadas e "*Estudos Revisionistas*", que trata dos estudos recentes que questionam a hegemonia da família patriarcal para a sociedade brasileira.

## **A FAMÍLIA PATRIARCAL. MATRIZES CONCEITUAIS**

### **A família patriarcal na Colônia e Império.**

As matrizes conceituais sobre a família brasileira podem ser encontradas em três autores que publicaram entre os anos 1930-1950: Gilberto Freyre, Oliveira Vianna e Antonio Cândido.<sup>5</sup> Partem do pressuposto de uma família patriarcal rural e extensa no século dezanove e anteriores e que se transforma em nuclear, quando transplantada para um ambiente urbano e moderno, no século vinte.

Deste período, caracterizado por Corrêa como o 'das grandes sínteses' sobre o Brasil<sup>6</sup>, também cumpre também citar as obras de Costa Pinto, Nestor Duarte, Alcântara Machado e Alfredo Ellis Jr., que vinculando-se a temas específicos, adotaram sempre o referencial patriarcal.<sup>7</sup>

O modelo de família patriarcal pode ser assim descrito: um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob a autoridade do patriarca, dono

---

<sup>4</sup> Corrêa, Mariza- *op.cit.*

<sup>5</sup> Freyre, Gilberto- **Casa Grande & Senzala. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1987, 25ed. Vianna, Oliveira- **Instituições Políticas Brasileiras.** Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, Niterói: Ed. da Univ. Federal Fluminense, 1987, 2vol.; Cândido, Antonio- "*The Brazilian Family*".In: T. Lynn Smith (ed.)- **Brazil. Portrait of a Half Continent.** Nova Iorque: Marchant General, 1951, pp. . A primeira edição de Casa Grande & Senzala é de 1933 e de Instituições Políticas Brasileiras é de 1949.

<sup>6</sup> Correa, Mariza- **História da Antropologia no Brasil (1930-1960).** São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1987.p. 25.

<sup>7</sup> Pinto, Luís de A.- **Lutas de Família no Brasil: era colonial.** São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1980; Duarte, Nestor- **A Ordem Privada e a Organização Política Nacional.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939; Machado, Alcântara- **Vida e Morte do Bandeirante.** São Paulo: Secret. Da Cultura e Tecnologia, 1978; Ellis Jr., Alfredo- **Os**

das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político. Ainda se caracterizaria por traços tais como: baixa mobilidade social e geográfica, alta taxa de fertilidade e manutenção dos laços de parentesco com colaterais e ascendentes, tratando-se de um grupo multi-funcional.

A casa-grande teria sido o símbolo desse tipo de organização, núcleo para onde convergia toda a vida econômica, social e política da região, de forma mais ou menos ordenada. Sua área de influência englobava a atuação da Igreja, do Estado e todas as outras instituições sociais e econômicas.

Para esses teóricos, o fortalecimento da família patriarcal se explica pela própria estrutura colonial: numa época em que o governo português não conseguia se fazer representar em toda a colônia, o proprietário de terras tomou as rédeas do poder local. O sistema de parentesco era a forma pela qual os indivíduos se reconheciam no mundo: ser filho, parente, compadre, cabra, escravo do senhor proprietário, conferia os limites e possibilidades para cada indivíduo. Desta forma, o poderio patriarcal foi gestado na ausência de um Estado forte, e seu declínio se verificaria quando este Estado assumisse seus papéis.

Gilberto Freyre é o grande teórico da família brasileira. Todos os estudos sobre família o tomarão como um referencial, ora para contestá-lo ou para ampliar suas hipóteses. Não se relaciona com nenhuma escola ou tradição historiográfica específica, mas foi, certamente, o mais importante estudioso da cultura brasileira, abordando de maneira poética o espaço, os cheiros, as cores e até os barulhos do mundo da casa grande e do complexo familiar. Através de sua fluidez conceitual, elaborou e difundiu um poderoso sistema ideológico em torno da família patriarcal que eliminou as contradições do processo histórico brasileiro em nome de uma pretensa harmonia social.<sup>8</sup>

Freyre também foi pioneiro em explorar toda uma documentação rica para o estudo da vida sexual e da família na Colônia, como os 'livros de assentos', onde o cabeça de casal registrava não só as despesas da casa, mas também as efemérides

---

**Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.** São Paulo: CEN, 1936. Junto com a visão da família patriarcal como única, uma visão linear histórica também caracteriza estes trabalhos.

<sup>8</sup> Needell afirma que Freyre adaptou elementos e experiências de pensadores europeus e norte-americanos, a partir da sua vivência nos EUA entre 1918-1922 somados com a sua própria vivência, cuja infância foi passada num mundo ainda marcado pela escravidão. Criou assim, uma interpretação de sua cultura nacional, onde a democracia racial fazia parte da construção de uma auto- imagem do Brasil. Ver: Needell, Jeffrey- *Identity, Race, Gender and Modernity*

familiares; inventários, testamentos, genealogias e livros de assentos de batismo, óbitos e casamentos de livres e escravos.<sup>9</sup>

Oliveira Vianna descreve uma sociedade organizada em torno das 'famílias senhoriais', de tradições aristocráticas, que comandavam os clãs parentais e que substituíam instituições de ordens administrativa e política, num sistema caracterizado pela concentração fundiária, escravidão, dispersão populacional e descentralização administrativa. Esta sociedade podia ser apreendida através de seus tipos sociais, suas instituições sociais e seus usos e costumes.<sup>10</sup>

Na classe dos tipos sociais, Vianna situa o lugar dos indivíduos na sociedade: governantes ou governados, chefes ou chefiados: o 'oligarca', o 'coronel', o 'manda-chuva', 'o genro', o 'sobrinho', o 'afilhado', o juiz 'nosso', o delegado 'nosso', o 'capanga', o 'cangaceiro', etc.

Entre as instituições sociais, estão os Partidos, a Igreja e os clãs parentais. A força do clã parental podia ser observada somente em ocasiões especiais, como nas lutas entre grupos ou nas festas religiosas. Esta instituição carregava consigo sub-instituições, que eram: 1) a responsabilidade coletiva familiar (*vendetta*), estudada por Costa Pinto<sup>11</sup> e 2) o nepotismo. O nepotismo, afirmou Vianna, "é a fórmula tradicional e geral da nossa vivência política", e esclarece que "no Norte, esta tendência nepótica tem a força de uma tradição, a que a moral daquele grupo dá uma sanção por assim dizer imperativa: o oligarca assenta a sua força justamente na solidariedade da parentela, utilizando o prestígio dos filhos, genros, sobrinhos e afilhados."<sup>12</sup>

Viana data o fim dos clãs senhoriais a partir da abolição dos escravos, já que estes eram a base da sua riqueza. No Norte porém, o autor afirma que aqueles usos e costumes se incorporaram no povo e passaram a fazer parte das relações sociais.

Costa Pinto, seguindo um modelo teórico- metodológico baseado em Durkheim<sup>13</sup>, analisou o fenômeno da vingança privada no Brasil Colonial, momento em que a comunidade familiar era a única forma de organização existente, detentora de

---

*in the Origins of Gilberto Freyre's Oeuvre*. In: **The American Historical Review**. American Historical Association, v.100:1, feb.1995, pp.51-77.

<sup>9</sup> Toda esta documentação, segundo Maria Beatriz Nizza da Silva, será mais utilizada pelos sociólogos do que pelos historiadores, que só irão explorá-los posteriormente. Silva, Maria B. N. da- **Sistema de Casamento no Brasil Colonial**. São Paulo: T.A.Queiroz: EDUSP, p.2.

<sup>10</sup> Vianna, Oliveira- **Instituições Políticas**, p.150.

<sup>11</sup> Pinto, Luís de A.- **op. cit.**

<sup>12</sup> Viana, Oliveira- **Instituições Políticas...**, p.153.

<sup>13</sup> em especial, às idéias de Durkheim explicitadas em **Formas Elementares da Vida Religiosa**.

todas as funções sociais (proteção, justiça, etc). Neste momento, o indivíduo só teria valor enquanto pertencente a um grupo familiar, e seu *status* proviria de virtudes coletivas.

A hipertrofia do poder privado iria se dissolvendo paralelamente à evolução das relações de produção, rumo a uma sociedade mais complexa. A diversidade de interesses e de grupos então, reivindicaria um árbitro mais competente e menos tendencioso, e o Estado acabaria por se institucionalizar, tornando a vingança privada uma forma ilegal de justiça.

Ellis Jr., cuja obra trata da ocupação do território paulista, atentou para a necessidade de se observar as diferenças regionais no estudo da família. Para ele, a família colonial no Nordeste desenvolveu-se sob o regime da grande propriedade, enquanto São Paulo (no século dezessete) se caracterizou pelo caráter igualitário e semi-urbano da população, pois as pequenas distâncias entre uma e outra fazendinha fazia com que o contato entre os indivíduos fosse muito maior. Utiliza a noção de clã parental, de Oliveira Vianna, chamando a atenção para o fato de que esses clãs eram bem mais humildes do que os descritos pelo autor, pois este havia escrito “Populações Meridionais” influenciado pelo tipo rural ‘pernambucano- bahiano’ de Gilberto Freyre.<sup>14</sup>

No Sudeste, a economia mineradora dispersaria as famílias, e no século dezenove, com o café, se verificaria uma cultura particularista, com a completa eliminação do ‘comunitarismo de outrora’, pois o caráter patriarcal estava ligado às necessidades de defesa da população colonial, onde era necessário um chefe condutor que pudesse organizar um agrupamento humano.

A grande família patriarcal, proprietária e rural, teria, na visão destes autores, construído a Nação brasileira. Por isso talvez, muitas histórias de municípios ou regiões foram contadas a partir da história destas famílias. Um exemplo é o texto de Horta, que afirma que ‘a história de Minas é a história de suas grandes famílias’, e descreve as famílias governamentais mineiras e suas ramificações de parentesco. Para o autor, algumas famílias se adaptaram aos novos rumos políticos, e continuam no poder até os dias atuais.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Ellis, Jr.- Alfredo- **op.cit**, p.267.

<sup>15</sup> Horta, Cid R.- *Famílias Governamentais de Minas Gerais*. In: **Revista de Estudos Mineiros**. Belo Horizonte: UFMG, 1956, pp. 44-91.

Ora, no momento da organização do Estado, na segunda metade do século dezanove, quando Vianna verificava o enfraquecimento do poder familiar, o que se dava de fato era a apropriação dos cargos políticos pelos representantes das grandes famílias proprietárias, que desta forma, continuaram à frente do poder político<sup>16</sup>, originando então, as oligarquias familiares.

Ao tratar a família como uma representação microscópica da ordem social, estes autores falharam no foco sobre a dinâmica na formação e organização da vida familiar. O resultado foi um estudo das atitudes culturais mais do que das condições sociais. A tipologia do caráter nacional representa somente a cultura dominante, e exclui uma variedade de experiências familiares, entre outros grupos sociais.

Para Corrêa, promoveu-se desta forma, uma homogeneização histórica para todo o país, ignorando toda e quaisquer diferenças regionais e temporais, e encaixou-se nossa história nos limites estreitos do engenho de açúcar ou da fazenda de café (lugares privilegiados do nascimento da sociedade brasileira).

Sendo assim, outros lugares, como o sertão pecuário nordestino foram também praticamente esquecidos em suas especificidades históricas e regionais, ora enquadrado numa visão de mundo litorâneo- nordestino, ora percebido como um mundo meio selvagem, que se quer diferente do litoral.<sup>17</sup>

## A TRANSFORMAÇÃO DO MODELO: A FAMÍLIA PATRIARCAL NO SÉCULO XX

### Influências teóricas

---

<sup>16</sup> Na verdade, quando da constituição de um poder central forte (Império e República), o que se verificou foi a apropriação dos cargos políticos pelos membros das grandes famílias patriarcais. Deste período, Sérgio Buarque de Holanda verificou a existência do 'brasileiro cordial', caracterizado pela intimidade no trato com o outro, que incorporava para o privado, relações que eram (e são) públicas. Esta cordialidade à brasileira é entendida aqui como uma estratégia articulada por uma classe social no sentido de garantir a manutenção de sua posição de mando, através de uma política baseada em relações de simpatia e de favores, que ocultava a violência de uma sociedade de desigualdades extremas, e incorporava a família e amigos (a vida privada) aos cargos públicos. Mantinha-se assim, uma realidade tradicional, mascarada por um cenário 'democrático'. Ver: Holanda, Sérgio B. de- **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987, 10ed.; Schwarz, Roberto- **Ao Vencedor as Batatas**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981.

<sup>17</sup> Ariano Suassuna assim procurou diferenciar o litoral do sertão nordestino:

*“os heróis sertanejos ou são profetas brancos e desequilibrados ou então cangaceiros sujos e cruéis (...) nunca houve uma 'nobreza' sertaneja que se pudesse comparar com a que floresceu na 'civilização do açúcar': que o sertão é 'os cafundos dos Judas', a terra na qual o Diabo perdeu as botas'. Aqui para nós, nobres Senhores e belas Damas que me ouvem, eu acho que essas cavilações de Samuel a respeito dos 'ioiôs' e 'sinhazinhas', sobre os bolos e as baixelas da 'civilização do açúcar', um tanto ou quanto ridículas. Eu quero, lá, o Sertão parecido com essas coisas invocadas! O Sertão é bruto, despojado e pobre, mas para mim, é exatamente isto o que faz dele o Reino...*

*(...) Outros que escrevem sobre a Burguesia rural do açúcar, travestida em nobreza pelos títulos comprados do Segundo Império; ou sobre as Cidades povoadas de funcionários públicos, mesquinhos e subornados até nos crimes e faltas que cometem”.* Ariano Suassuna- *Ao Sol da Onça Caetana*, pp. 64-65. In: Suassuna, Raimundo- **Uma Estirpe Sertaneja. Genealogia da Família Suassuna**. João Pessoa: A União, 1993, p. 31.

A partir da década de vinte, nos Estados Unidos, as pesquisas sobre a família se intensificaram, buscando a compreensão e o domínio dos novos ritmos de vida ditados pelo processo modernizador da sociedade que se expressavam na industrialização e urbanização crescentes.

Esta compreensão do novo modo de vida familiar que se evidenciava nos grandes centros urbanos orientaram um segundo momento dos trabalhos publicados no Brasil, como veremos a seguir, caracterizados pelo tratamento dispensado à família brasileira nos centros urbanos do século vinte.

Os pesquisadores da Escola de Chicago de Sociologia Urbana exerceram grande influência nas pesquisas sobre a família. Tomando a própria cidade de Chicago como laboratório de condições industriais e modernização e apoiados em trabalhos de teóricos como Durkheim, Simmel, Cooley, Max e Alfred Weber, concluíram que os padrões tradicionais familiares estavam sendo destruídos pelo impacto desintegrador do urbanismo, e que a estrutura patriarcal não combinava com uma sociedade industrializada e urbanizada.

A 'teoria do urbanismo', como ficaram sendo conhecidos estes estudos, nunca se deteve porém, para analisar o processo histórico mediante o qual uma sociedade passara de rural para urbana, embora tenha fornecido uma importante sugestão para a compreensão da família: o de que a família nuclear já não existia isolada do resto da sociedade e as relações familiares adquiriam o mesmo caráter das relações fora dela, ou seja, o das relações da racionalidade econômica.<sup>18</sup>

A Escola de Chicago também chamou a atenção para o fato que um tipo de relação era exclusiva da família: a afetiva, e esta é que assegurava a sua permanência social. A partir deste ponto, a sociologia passou a elaborar uma teoria das 'funções' da família.

Talcott Parsons, trabalhando na Universidade de Harvard na década de cinquenta, seria considerado o grande teórico da família na Sociologia. Seu funcionalismo claro e direto buscou entender um conjunto muito grande de relações que a instituição familiar envolve e, além disso, é uma tentativa de trazer juntas, em sua teoria, a questão da personalidade e a da moralidade, a partir das obras de Freud e de Durkheim. Segundo D'Incao, seu trabalho não só forneceu um quadro para a discussão a

favor ou contra, mas sobretudo, definiu amplamente as regras dentro das quais as pessoas discutem.<sup>19</sup>

A concepção de Parsons sobre as funções da família nuclear faz parte de uma teoria geral da sociedade. A família nuclear combinaria com a sociedade industrial, na medida em que contrasta com a família anterior, onde a solidariedade do grupo de parentesco implicava em obrigações extensivas. Este novo modelo se caracterizaria pela perda de importância do parentesco extenso, independência econômica dos filhos (acarretando a consequente diminuição da autoridade paterna), aumento da participação da mulher no sistema produtivo, natalidade planejada e reduzida. As funções da família moderna se restringiriam à socialização da criança e estabilização das personalidades adultas.

Posteriormente, os trabalhos de Demografia Histórica e do Grupo de Cambridge viriam apresentar um quadro completamente diferente do que se pensou sobre a estrutura familiar no passado pré-industrial. Mesmo assim, os funcionalistas continuariam adaptando sua teoria às explicações sobre a família do presente.<sup>20</sup> Apesar de referir-se com mais propriedade à classe média americana, o modelo de Parsons passou a ser buscado em todas as sociedades em processo de industrialização.

### **A moderna família brasileira**

No Brasil, Cândido buscou marcar as transformações sofridas pela família patriarcal colonial e rural quando transplantada para o século vinte. *'The Brazilian Family'* é considerado, por isso, um clássico de nossa literatura sobre a família, e caracteriza o desdobramento da família patriarcal rural num ambiente moderno (caracterizado como urbano e industrial).

---

<sup>18</sup> In Lasch, Christopher- **Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?** São Paulo: Paz e Terra, 1991, p 57-59.

<sup>19</sup> Ver D'Incao, Maria A.- *Família na Literatura: uma contribuição ao Estudo da Família no Brasil*. Tese de Livre Docência apresentada ao Depto de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Marília, 1989, mimeo.

<sup>20</sup> William Goode, por exemplo, tem um esquema de argumentação parsoniano, mas não relaciona de modo necessariamente causal, as mudanças que se passam na família e na sociedade industrial. Ao contrário, enfatiza que o processo de industrialização pode estar associado à queda da idade no casamento, em algumas partes do mundo, e ao aumento dessa idade em outras, demonstrando com isso que as relações entre industrialização e família são complexas e dependem de um conjunto maior de circunstâncias e fatores que são, além de econômicos, também culturais e circunstanciais. Porém, deu à teoria de Parsons uma contribuição empírica ao afirmar que a família conjugal emerge onde as forças sociais da industrialização e urbanização vão se manifestando. Goode, William- **Revolução Mundial e Padrões de Família**. São Paulo: EDUSP/ Nacional, 1969.

O autor situa o início das transformações a partir da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro e com o início de uma vida social na Colônia, que incluiu o estabelecimento de oportunidades de estudos e outras formas de ascensão social. A família patriarcal teria se transformado ao longo do século dezanove, com filhos menos dependentes do poder patriarcal (com a possibilidade de carreiras autônomas ou políticas).

A preservação parcial da economia latifundiária explicaria a manutenção das enormes desigualdades sociais no país, juntamente com as relações semi-patriarcais, principalmente nos estados do Norte. Por outro lado, o desenvolvimento da economia industrial no Sudeste é que transformará a família. Ela se nucleariza para atender melhor as demandas da sociedade moderna, e ao perder a sua função produtiva, o grupo tende a se relacionar única e exclusivamente a partir dos laços de afeto mútuo. A saída da mulher para o mercado de trabalho, a educação dos filhos, a impessoalidade nas relações sociais, o controle de natalidade e o enfraquecimento dos laços de parentesco são as grandes mudanças apontadas por Cândido para esta família moderna.

A condição urbano/rural foi a baliza para determinar o tipo familiar. Concordava-se que o processo de urbanização e industrialização da sociedade no século vinte, juntamente com o fenômeno da migração, fizeram com que o controle da produção passasse gradualmente da família para os empresários capitalistas e para o Estado, e com isto, ocorreram o enfraquecimento das relações de parentesco, a redução do tamanho da família e a redução do poder do pai e do marido.<sup>21</sup>

Manteve-se porém, a moral patriarcal como medida: o tabu da virgindade para as mulheres e o da virilidade para os homens e a dupla estrutura familiar, herança de uma sociedade escravista (uma legal, representada pelo núcleo conjugal e seus filhos, e outra assentada sobre a violação dos direitos dos menos afortunados).

### **A contribuição dos *brasilianistas*, os estudos de comunidade e de orientação marxista.**

---

<sup>21</sup> É preciso atentar que não podemos estabelecer parâmetros cronológicos rígidos para situar tendências teóricas dos trabalhos. Como exemplo, citamos a obra de Costa, Jurandir F.- **Ordem Médica e Norma Familiar**, Rio de Janeiro: Graal, 1979 e a dissertação de Cavalcante, Bartolomeu- *A Família em Pernambuco. Mudanças na família da elite açucareira*. Dissert. de Mestrado, Recife: UFPE, 1991. Ambos obedecem ao esquema interpretativo no qual a família patriarcal extensa e rural se torna nuclear e burguesa no século vinte, num período em que a discussão acerca desta linearidade histórica já estava posta.

Neste período, entre as décadas de cinquenta e sessenta, também fizeram-se presentes em grande número, pesquisadores estrangeiros que ficaram sendo conhecidos como os 'brasilianistas'<sup>22</sup>. Para estes estudiosos, a família constituía um importante fator de explicação da sociedade brasileira como justificou T. Lynn Smith, ao afirmar que esta era a instituição fundamental formadora da Nação, papel reservado à Igreja (católica) para a América Espanhola, e à escola, para a América do Norte<sup>23</sup>.

Foram produzidos muitos estudos de comunidade, os quais se baseavam na hipótese de que o conhecimento de uma sociedade global poderia ser apreendido através do conhecimento detalhado das partes integrantes, fazendo multiplicar estes estudos pelas mais variadas zonas rurais do país.<sup>24</sup>

A maioria dos trabalhos foram realizados por antropólogos e sociólogos, tendo os historiadores participado de forma restrita e tímida.<sup>25</sup> Os motivos para a falta de trabalhos na área da História estariam ligados à uma não- preocupação com o tema por parte das correntes marxistas que predominavam no meio acadêmico até os anos setenta<sup>26</sup>, além da dispersão documental e da falta de um quadro conceitual adequado.

Estes estudos de comunidade produzidos entre as décadas de cinquenta e sessenta em geral, carecem de uma conceituação mais precisa, partindo de um pressuposto teórico de que as pequenas comunidades formam um todo homogêneo e indiferenciado.<sup>27</sup> Nestes estudos, freqüentemente o termo 'família' foi empregado indiscriminadamente para designar o grupo conjugal, grupo doméstico, família extensa e parentela, sem conteúdo preciso para cada um destes termos, dificultando tanto colocações mais amplas como comparações e generalizações a partir dos dados observados. Deve-se contar ainda, que padrões patriarcais de classe dominante foram

---

<sup>22</sup> Ver Silveira, Rosa M.G.- *Apresentação*. In: Lewin, Linda- **Política e Parentela na Paraíba. Um estudo de caso da oligarquia de base familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993 e Massi, Fernanda; Pontes, Heloísa- **Guia bibliográfico dos brasilianistas: obras e autores editados no Brasil**. São Paulo: Ed. Sumaré: FAPESP, 1992.

<sup>23</sup> T. Lynn Smith- **Brasil. Povo e Instituições**. Aliança para o Progresso-Programa de Publicações Didáticas; Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional- USAID, Rio de Janeiro, 1969, p. 505.

<sup>24</sup> Em 1941, Roger Bastide já escrevera um texto orientando sobre como deveriam se organizar as monografias sobre a família brasileira e como abordá-las. Bastide, Roger- *A Monografia Familiar no Brasil (1)*. In: **Revista do Arquivo Municipal**. N.78, 1941, pp. 5-26

<sup>25</sup> Ver Samara, Eni de M.; Costa, Dora I. P.de- *Família, Patriarcalismo e Mudanças Sociais no Brasil*. Mimeo.

<sup>26</sup> Bruschini, Cristina- *Estrutura Familiar e Vida Cotidiana na Cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, DCS, FFLCH-USP, São Paulo, 1986, mimeo.

<sup>27</sup> Ver Freitas, José L.- "*O mito da família extensa: domicílio e estrutura fundiária em Jundiá (1818)*". In: COSTA, Iraci del Nero (org.)- **Brasil: História Econômica e Demográfica**. São Paulo: IPE, 1986. Ver também: Queiroz, Maria I.P. de- *Apresentação*. In: Fukui, Lia- **Sertão e Bairro Rural. Parentesco e Família entre Sítiantes Tradicionais**. São Paulo: Ática, 1979, onde a autora atenta que é preciso excetuar destas críticas, os trabalhos da geógrafa Nice Lecocq Müller, com "**Sítios e Sítiantes do Estado de São Paulo**" e o trabalho de Antonio Cândido de

aplicados por analogia às famílias de classes sociais diferentes, impossibilitando-lhes a atribuição de características estruturais específicas.

Willems apontou diferenças familiares entre classes sociais (e não de acordo com o ambiente rural/urbano) e questionou a existência de uma estrutura patriarcal para as classes subalternas. Porém, a partir do próprio referencial patriarcal, concluiu que nas classes altas, a família se apresenta extensa e patriarcal; nas classes médias, tende a ser nuclear, mas mergulhada numa vasta rede de parentela; nas classes baixas, é pequena e instável. Esta família de classe 'inferior', que não teve nem propriedades nem instituições específicas de qualquer espécie que pudessem ter atuado como centro de integração da estrutura familiar, sobrevive sem um objetivo definido, 'o que por sua vez reforça a instabilidade já existente'.<sup>28</sup>

Muitos trabalhos deste período se destacaram. Para Freitas, o trabalho de Lucila Hermann, de 1948, é considerado como um dos primeiros trabalhos de linha revisionista, questionando a visão 'tradicional' de família.<sup>29</sup> Oracy Nogueira utilizou-se da *'Lista Geral de todos os Moradores da Villa de Sorocaba'* e constatou que do século dezoito até os dias atuais, no âmbito local, a família, enquanto grupo doméstico, mudara muito mais quanto à sua organização interna e inserção numa teia mais ampla de relações de parentesco do que quanto ao número médio de seus componentes que, já naquele século, ficava em torno de 5 indivíduos.<sup>30</sup> Charles Wagley atentou para os diferentes usos do termo família no Brasil, explicitando que a família tradicional, enquanto instituição dominante, eram na verdade, as parentelas. Estas parentelas apresentavam-se sob um sobrenome comum e um ancestral famoso e nem o processo modernizador conseguiu enfraquecê-las, pois os novos segmentos sociais incorporaram suas estratégias e continuavam atuando de forma familística, substituindo-se somente os nomes, no século vinte para Matarazzos, Crespis, Fontes, Klabins e Lodis, que

---

Mello e Souza, "Os Parceiros do Rio Bonito", que delimitaram cuidadosamente os termos utilizados em seus trabalhos.

<sup>28</sup> Willems, Emílio- 'A Estrutura da família brasileira'. In: *Sociologia*. V.XVI,n4. São Paulo, 1954,pp.327-340, p.338.

<sup>29</sup> Freitas, José L. de- *op. cit*; Hermann, Lucila- *Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de trezentos anos*. São Paulo:IPE, 1986.

<sup>30</sup> Nogueira, Oracy- *Família e Comunidade (Um Estudo Sociológico de Itapetininga)*. Rio de Janeiro: CBPE, 1962, p. 236.

provavelmente tinham poucos parentes, mas trataram de integrar-se rapidamente às famílias do dezenove.<sup>31</sup>

Lia Fukui considerou as ricas discussões inter-disciplinares em pauta no início dos anos setenta em seu trabalho, e estudou o parentesco entre famílias de sítiantes através de métodos comparativos, nos quais expressa uma preocupação extrema com os conceitos e definições utilizados<sup>32</sup>.

Os pesquisadores de orientação marxista abordaram a família sob a ótica da reprodução da força de trabalho, que passou a ser vista como o *locus* da produção (de trabalhadores e valores de uso pelo trabalho doméstico, nas classes trabalhadoras, por exemplo) e de consumo. Segundo Bilac, a análise da vida familiar das classes trabalhadoras, embora amparada numa orientação teórica marxista, utilizou os conceitos de 'estratégias de sobrevivência' e o de 'ciclo de vida familiar', porque tais conceitos permitiam observar a família enquanto um processo, com períodos de ampliação (por ex., o abrigo de parentes ascendentes ou descendentes) e de contração; com a mulher (trabalho doméstico) trabalhando fora em tempos de crise financeira; com uma re-organização constante em torno da criação e educação dos filhos e de re-estruturação constante dos objetivos familiares, em função da situação do momento.<sup>33</sup>

Para a autora, o recurso a estes dois conceitos estranhos ao marxismo, advém das limitações analíticas da 'ótica da reprodução' que não conseguiu estabelecer as mediações necessárias entre as determinações mais gerais da família (captadas pela teoria) e suas manifestações 'no nível do real fenomênico' (empíria).

## OS ESTUDOS REVISIONISTAS

### Influências teóricas

Os anos sessenta e setenta foram marcados pela entrada em cena dos historiadores, agora munidos de métodos específicos de análise, questionando o modelo hegemônico e revelando através de suas pesquisas a diversidade de arranjos familiares

---

<sup>31</sup> Wagley, Charles- **An Introduction to Brazil**. Cap.5- *Family and Education*. Columbia University Press, New York and London, 1963, pp. 184- 204. Ver também artigo de Roberto da Matta- *A família como valor: considerações não- familiares sobre a família à brasileira*. In: Almeida, Ângela (org.)- **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/ Ed. da UFRJ, 1987.

<sup>32</sup> Fukui, Lia G. F.- **op. cit.**

<sup>33</sup> BILAC, Elizabete Dória- "*Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil*". Trabalho apresentado no Seminário Temático "Família Brasileira". In: **Ciências Sociais Hoje** - 1991. Rio de Janeiro: Vértice/ ANPOCS, 1991, pp.70-94.

em todas as épocas e lugares, possibilitando então, um re- conhecimento de nosso passado.

A França proporcionou marcadamente duas grandes linhas de pesquisa sobre a família: uma linha metodológica concentrada na análise demográfica, seguindo os trabalhos de Henry e Goubert, e outra linha teórica, influenciada por Ariès e pelas tradicionais Antropologia e História Social francesa, ligadas à história das mentalidades.

Nos anos cinquenta, o demógrafo Louis Henry e os historiadores Pierre Goubert e Michel Fleury, do *Institute National des Etudes Demographiques*, desenvolveram uma técnica de reconstituição de famílias que permitiriam aos historiadores analisar processos vitais relativos à vida e à morte de populações do passado, a partir de informações que poderiam ser obtidas nos registros paroquiais ou de um grupo de paróquias, munindo os historiadores com uma arma poderosa na busca do entendimento das famílias do passado.<sup>34</sup>

Embora inicialmente desenvolvida para estudos de tendências gerais de populações e de história local, a demografia tornou-se crucial para a história da família. A escola demográfica francesa, que desenvolveu-se após a Segunda Guerra Mundial, proporcionou materiais essenciais para a mensuração de mudanças populacionais, mobilidade, fertilidade, controle de natalidade, mortalidade infantil e modelos de casamentos. Mais importante, a técnica de reconstituição de famílias permitiu aos historiadores reconstruir modelos familiares de um número vasto de povos anônimos, e traçar-lhes várias gerações

Paralelamente, a família como um campo específico de pesquisa histórica teve seu maior ímpeto a partir da publicação de Philippe Ariès, "História Social da Criança e da Família", lançado na França em 1960<sup>35</sup>. Para Ariès, a infância tal como a conhecemos, emergiu no início do período moderno e sua descoberta estaria intimamente ligada à emergência da família moderna ou família conjugal, na qual as relações privadas entre pais e filhos haviam se tornado mais importantes 'do que a honra da linhagem, a integridade da herança ou a idade e permanência do nome'. Anteriormente, na Inglaterra e na França, a densidade dos vínculos de sociabilidade não deixava espaço para a família, e esta só existia enquanto um conceito, sendo seu foco

---

<sup>34</sup> In: Marcílio, Maria L.- *Introdução*. In: Marcílio, Maria L. (org.)- **Demografia Histórica. Orientações Técnicas e Metodológicas**. São Paulo: Pioneira, 1977, pp. 1-22.

<sup>35</sup> Ariès, Philippe- **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

principal a sociabilidade do que a privacidade. A família moderna emerge com a retirada desta sociabilidade do recinto doméstico.

Unindo a 'descoberta da infância' com as transformações da família e da estrutura social, Ariès impulsionou toda uma geração de pesquisadores. Chamou a atenção para o uso de fontes até então ignoradas, como a iconografia e a arte. Sua ênfase no sentimento e na privacidade como características definidoras da família moderna estimularam estudos como os de Demos, Shorter, Stone e outros.<sup>36</sup>

A **reconstituição familiar** tornou-se uma ferramenta poderosa nas mãos do *Cambridge Group for the History of Population and Social Structure*. O Grupo de Cambridge, como ficou conhecido, foi fundado em 1964. Peter Laslett e seus colaboradores desenvolveram o método de reconstituição de famílias de Louis Henri para os registros paroquiais ingleses e evidenciaram para muitas regiões, inglesas e outras européias, que o padrão nuclear de família é anterior à industrialização.

Laslett estabeleceu como princípio de investigação o grupo familiar co-residente (*household*), e não a rede de parentesco nem as relações familiares entre domicílios distintos, rejeitando também qualquer teoria evolucionista para explicar a família.<sup>37</sup>

Estes estudos históricos apresentariam a argumentação empírica contra a identificação família nuclear/ sociedade urbano- industrial tomada como referência teórica pelos funcionalistas, e sobre o predomínio de uma estrutura patriarcal extensa no passado.

Explorando listas nominativas de domicílios dos séculos XVI e XVII, os integrantes do grupo de Cambridge encontraram evidências de continuidade na estrutura nuclear domiciliar na Inglaterra, desde o século XVI, relativizando assim, a importância da família no desenvolvimento das sociedades humanas ao demonstrar a generalidade da família nuclear na Europa pré- industrial, negando a importância e preponderância da família grande e complexa e condenou desta forma, a tipologia de Le Play acerca da família- tronco.

---

<sup>36</sup> Demos, John- **Little Commonwealth: Family Life in Plymouth Colony**. New York, 1970; Shorter, Edward- **The Making of the Modern Family**. New York: Basic Books, 1975; Stone, Lawrence- **The Family, Sex and Marriage in England. 1500- 1800**. New York: Harper & Row, 1977.

<sup>37</sup> As pesquisas de Peter Laslett apontaram para padrões familiares diversos dos até então atribuídos para o período pré-industrial: idade de casamento mais tardia do que o anteriormente suposto, com os casais praticando algumas formas de controle familiar e com nascimentos bem intercalados, com domicílios mais predominantemente nucleares do que extensos e apresentando uma considerável mobilidade geográfica.

Contudo, a discussão em torno dos métodos demográficos continua forte. Em 1987, Ruggles apresentou um trabalho no qual afirma que a 'stem-family' havia sido o modelo predominante para os EUA no século dezenove e início do vinte, defendendo a tese anterior de Berkner, que havia reconhecido a família -tronco como um dos estágios do ciclo de vida familiar (para Berkner, a família-tronco seria uma fase do processo do ciclo de vida familiar).<sup>38</sup>

A noção de família ampliada diferenciou-se da noção clássica de 'família extensa' (*extended family*) expressa nos trabalhos de Gilberto Freyre e Antonio Cândido, a qual denota um princípio de organização da sociabilidade das classes dominantes em um determinado momento histórico e de organização das relações de produção, uma vez que nela, as relações de parentesco (consangüinidade e alianças) mediatizam relações de dominação econômica e política.<sup>39</sup>

### **Os estudos demográficos no Brasil e o surgimento de novos temas**

No Brasil, os historiadores, acompanhando as tendências e discussões teóricas que se processavam no Primeiro Mundo, cuidaram de guardar as nossas especificidades, buscando re- pensá-las para o nosso contexto histórico, adaptando metodologias que pudessem abarcar a qualidade da documentação disponível.

Aqui os estudos de domicílio tiveram três grandes estímulos: primeiro, pelos resultados obtidos por Henri e pelo Grupo de Cambridge para a Europa; segundo, pela possibilidade de questionamento do mito da auto-suficiência do domicílio extenso, descrito por Gilberto Freyre para o século dezesseis e terceiro, pela existência de censos de domicílio para muitas cidades e regiões para os séculos dezoito e dezenove, e que configuraram-se num rica fonte de dados.

No Brasil, segundo Marcílio, Luis Lisanti foi quem primeiro demonstrou as possibilidades potenciais destas listas nominativas de habitantes do Brasil Colonial no início da década de sessenta<sup>40</sup>. Porém, os trabalhos na área da Demografia Histórica foram impulsionados pelas pesquisas da própria Marcílio, que procurou adaptar o

---

<sup>38</sup> Ruggles, Steven- *The Transformation of American Family Structure*. In: **American Historical Review**. Vol99, n1, feb.1994, pp. 103-128; Berkner, Lutz- *The Stem Family and the Developmental Cycle of the Peasant Household: Na Eighteenth- Century Austrian Example*. In: **American Historical Review**. 77 (april1972), pp. 398-418.

<sup>39</sup> Ver Bilac, Elizabete D.- *Op. cit.*

<sup>40</sup> Marcílio, Maria L.- *Introdução*. In: **Demografia Histórica. Orientações Técnicas e Metodológicas**. São Paulo: Pioneira, 1977, p.16.

método de Louis Henri para a documentação disponível. Seu trabalho pioneiro foi 'São Paulo: povoamento e população', publicado em 1973.<sup>41</sup>

O "método de reconstituição de famílias" incorporou à pesquisa histórica as fontes seriais (registros paroquiais de batismo, casamento e óbitos, até então, utilizados somente por genealogistas), e as Listas Nominativas de Habitantes, censos governamentais realizados entre 1750-1850, que permitiam a reconstituição de famílias de outra forma. Como resultado das pesquisas, percebeu-se que a vida social no passado não se restringia à casa grande e à senzala, e que existiram franjas do território nacional que não se vincularam necessariamente ao trinômio latifúndio/exportação/escravidão.

Ainda, a própria idéia de uma família patriarcal como uma instituição imutável para todo o passado colonial foi questionada por estudos como o de Nazzari, que apontou mudanças significativas na prática do dote entre os séculos dezessete e dezoito, e que refletem mudanças na estrutura do poder patriarcal/parental.<sup>42</sup>

Para além do questionamento sobre a família patriarcal, há que se considerar o imenso leque de novas abordagens que surgiram sobre a família e que resultaram em belíssimos estudos sociológicos e históricos, por exemplo, sobre as mulheres<sup>43</sup>, sobre a família escrava<sup>44</sup>, ilegítimos e expostos<sup>45</sup>, casamento e concubinato<sup>46</sup>, papel dos agregados<sup>47</sup> e transmissão de fortunas<sup>48</sup>. Todos estes estudos se detiveram com cuidado, na conceituação dos termos utilizados na pesquisa e trabalharam com categorias específicas dentro do universo familiar.

---

<sup>41</sup> Marcílio, Maria L.- **A Cidade de São Paulo: Povoamento e População. 1750-1850.** São Paulo: Pioneira- EDUSP, 1973.

<sup>42</sup> Nazzari, Muriel- Parents and Daughters: Change in the Practice of Dowry in São Paulo (1600-1770). In: **HAHR**, 70:4 (1990), pp.639-665; **Disappearance of the Dowry. Women, Families, and Social Change in São Paulo, Brazil (1600- 1900).** Stanford: Stanford University Press, 1991.

<sup>43</sup> Dias, Maria O.- **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

<sup>44</sup> Alaniz, Anna G.G.- **Ingênuos e Libertos. Estratégias de sobrevivência familiar em épocas de transição. 1871-1895.** Campinas: Centro de Memória- UNICAMP, 1977.

<sup>45</sup> Lewin, Linda- *Natural and Spurious Children in Brazilian Inheritance Law from Colony to Empire: a Methodological Essay.* In: **The Americas**. XLVIII (3), January 1992, pp. 351-396.

<sup>46</sup> Silva, Maria B. N. da- **Op. cit.**; Londono, Fernando T.- *El Concubinato y la Iglesia en el Brasil Colonial.* **Estudos CEDHAL**, n2, São Paulo, USP, 1988.

<sup>47</sup> Samara chamou a atenção para membros não parentes dentro do domicílio, para os séculos dezoito e dezenove, principalmente nas classes baixas e nos domicílios chefiados por mulheres, cuja função era aliviar as dificuldades financeiras em períodos de mudanças econômicas, para ambos os lados. Ver também: Kuznesof, Elizabeth- *The Role of the Female- Headed Household in Brazilian Modernization.* In: **Journal of Social History**, 13:4 (1980), 589-613; *A Família na Sociedade Brasileira: Parentesco, Clientelismo e Estrutura Social (SP, 1700- 1980).* In: **Rev. Bras. de História**, v9, n17, São Paulo: ANPU/Marco Zero, set88/ fev.89.

<sup>48</sup> Ver Baccellar, Carlos de A. P.- **Os Senhores da Terra: Família e Sistema Sucessório de Engenho do Oeste Paulista.** .Campinas: CMU/UNICAMP, 1997; Melo, Zélia C. de- **Metamorfoses da Riqueza. São Paulo, 1845-1895,** São Paulo: Hucitec, 1990.

O estudo sobre gênero foi provavelmente o tema mais interligado com o estudo de família. Influenciados pelo movimento feminista dos anos 60, pela entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e sua nova posição dentro do grupo familiar, muitos trabalhos históricos foram apresentados, e proporcionaram belíssimos trabalhos. Dias recupera a presença as mulheres que viviam nas fímbrias do sistema e sua luta pela sobrevivência na cidade de São Paulo, entre fins do século dezoito às vésperas da abolição. Samara, explorando documentos civis e religiosos, se deteve na mulher da família patriarcal, revelando, por trás da visão romântica que temos a seu respeito, sua rebeldia e insubmissão freqüentes, enquanto Leite adentrou na análise intertextual dos livros de viajantes estrangeiras, permitindo apreender aspectos da vida da mulher na família e reconstituir grupos de convívio no Rio de Janeiro no século dezanove.<sup>49</sup>

Também trabalhando com a Demografia Histórica, Samara utilizou e adaptou a metodologia de Laslett para os documentos paulistas dos séculos XVIII e XIX, elaborando uma tipologia de estrutura de domicílios para as pesquisas nacionais. Para a autora, não se pode falar ou pensar em uma família brasileira, mas nas famílias brasileiras, dada a diversidade de modelos familiares existentes para o nosso passado. Projetou um segmento de pesquisa mais especificamente ligado aos temas da História da Família Brasileira, e vem realizando levantamentos periódicos sobre a produção historiográfica em torno do tema<sup>50</sup> que evidenciam o aumento quantitativo e qualitativo das pesquisas na área.

### **Tendências dos estudos sobre família**

Em artigo escrito em 1973, Hareven estabeleceu vários pontos que se abriam para o debate em torno do tema.<sup>51</sup> Para ela, os obstáculos não eram somente a falta de uma metodologia ou materiais, mas também, deficiências de abordagem de certas questões. Assim, a história da família vinha sendo amplamente interpretada, com

---

<sup>49</sup> Dias, Maria O. L. S.- **Op. cit.**; Samara, Eni de M.- **As Mulheres, o Poder e a Família. São Paulo, século XIX.** São Paulo: Marco Zero/ Secr. de Estado da Cultura de São Paulo, 1989; Leite, Miriam L. M.- *Mulheres e Famílias.* In: **RBH. Famílias e Grupos de Convívio.** São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, v.9, n17, set.88/fev.89, pp. 143-178.

<sup>50</sup> Ver: Samara, Eni de M.- *Os números da população na América Latina: Argentina, Brasil, Chile e Perú no século XIX. Série Fontes de Pesquisa,* São Paulo, Cedhal, n4, vol.1, 1997; Samara, Eni de M.- *Catálogo Bibliográfico. Simpósio Internacional 'Cidadania, Trabalho Feminino e Globalização',* São Paulo, Cedhal/ FFLCH/USP, 1997; Samara, Eni de M.- *História da Família no Brasil e no México: bibliografia comentada. Série Fontes de Pesquisa.* São Paulo: Cedhal, n.1-A, 1998.

<sup>51</sup> HAREVEN, Tamara K.-*The History of the Family as an Interdisciplinary Field.*

divisas ainda indefinidas e o termo “família” era usado aleatoriamente referindo-se a estudos históricos sobre infância e juventude, alguns aspectos da história da educação, e a história das mulheres e do movimento feminista. Logo, o campo era frequentemente confundido com o que poderia ser considerado alguma de suas partes, e mais sintomaticamente abordada nos estudos históricos focados nos eventos públicos do que nas experiências privadas, exceto onde a biografia foi referida.

A autora salientava também que apesar do renovado interesse teórico-metodológico sobre o tema, as discussões também estavam ligadas a uma série de crises recentes, relatando os conflitos entre gerações, as rebeliões dos jovens, as mudanças no status da mulher, e o crescimento de dúvidas e inquietações sobre o futuro da família.

Em 1982, a antropóloga Mariza Corrêa<sup>52</sup> declarava que no campo dos estudos sobre a família no Brasil, estava-se armando o ‘pulo do gato’ ou seja, o momento era de conhecimento de partes do assunto, de construção, para que se pudesse construir, posteriormente, visões mais globais em torno do tema. Existiam ‘espaços vazios’ (tais como o de reprodução humana e controle familiar) que até aquele momento só podiam ser preenchidos por conjecturas, e vislumbravam um enorme campo de pesquisa a ser enfrentado. Encarava como dificuldades para o pesquisador, a atribuição constante de juízos de valor sobre a família, ao lado da falta de uma perspectiva crítica sobre a família brasileira. Mas já atentava para as diferenças familiares atuando entre os ‘valores culturais’ e as ‘realidades materiais’ nos mais variados contextos.

No exame da estrutura patriarcal, a atenção antes dispensada integralmente às relações marido/mulher, passou a considerar outras do tipo irmão/irmão, irmão/irmã, pais/filhos, etc., como demonstram os estudos de Lewin, que abordou as redes de cunhadio e bi-cunhadio, e Kuznesof, que questiona as estratégias endogâmicas enquanto um consenso geral em torno dos objetivos familiares (o que pressupõe a união de vontades individuais) ou como uma aceitação cega e total da vontade patriarcal (dos filhos e filhas em relação ao pai, ou da esposa em relação ao marido).<sup>53</sup>

Para se estudar o funcionamento da estrutura patriarcal dentro da família, o recurso às fontes manuscritas tem proporcionado grandes resultados para esclarecer os relacionamentos entre os seus membros. Diários, cartas, livros- caixa, têm sido

---

<sup>52</sup> Corrêa, Mariza- 'Apresentação'. In: **Colcha de retalhos. Estudos sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp.7-11, p.10

explorados para tentar dar conta da complexidade do convívio familiar, como mostram os trabalhos de Pollock e Merrick.<sup>54</sup>

O entendimento do mundo patriarcal repousa sobre um conjunto de princípios: manutenção da ordem, exercício da autoridade, justiça e governo do lar e provimento dos dependentes por parte do chefe masculino em primeiro plano. Tomando-se cada princípio isolado, não haveria problemas para o exercício do poder, mas é preciso reconhecer que na prática, em muitos poucos casos o conjunto todo poderia ser aplicado.

Hareven e Reher projetaram algumas tendências e rumos dos estudos históricos sobre família para os próximos anos.<sup>55</sup> Segundo Reher, a história da família segue sendo um campo em auge em muitos países do mundo e é de prever que prossiga sendo num futuro próximo. As pesquisas tendem a mudar, abandonando-se progressivamente o estudo das estruturas familiares e adentrando-se no terreno dos processos de mudança da família, transições dentro da família e as formas nas quais a família atua como intermediária entre o indivíduo e a sociedade em seu conjunto, como temas atuais.

Uma abordagem da família relacionada com as mudanças sociais e econômicas parece poder responder com mais precisão às transformações internas familiares e como tais transformações se realizaram na sociedade mais ampla. Pode responder, inclusive, a muitas questões sobre o próprio processo de industrialização e urbanização e de como o processo de trabalho industrial foi organizado.

A idéia generalizada de que a industrialização e urbanização teriam desenraizado os indivíduos de suas redes familiares, levando a um aumento do individualismo e despojando-os de suas culturas tradicionais não encontram reflexos nas análises recentes desenvolvidas, que apuraram que mais do que nunca, o meio urbano e industrial acabou por reforçar os laços de parentesco como uma forma eficaz de se arrumar empregos e ao mesmo tempo defender interesses de seus membros e

---

<sup>53</sup> Lewin, Linda- **Op. cit.**; Kuznesof, Elizabeth- *Household, family and community studies, 1976- 1986: a bibliographic essay*. In: **Latin American Population History Newsletter**. N14, fall, 1988.

<sup>54</sup> Ver por exemplo: Merrick, Jeffrey- *The Family Politics of the Marquis de Bombelles*. In: **Journal of Family History**. Vol.21, n4, oct.1996, pp. 503-518; Pollock, Linda- *Rethinking Patriarchy and Family*. In: **Journal of Family History**, vol. 23, n1, jan. 1998, pp. 3-27.

<sup>55</sup> Ver Hareven, Tamara- *The History of the Family and the Complexity of Social Change*; Reher, David- *Pasado, Presente y Futuro de la Demografía Histórica. Unas Reflexiones Personales*. In: **X Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**. ABEP, 1996.

providenciar proteção mútuas.<sup>56</sup> É lógico que não se atribui à rede de parentesco um controle total do destino dos indivíduos, considerando-se também as flutuações do próprio sistema fabril.

A questão relacionada às transformações no interior da família mudou de 'qual foi o impacto da industrialização' para 'sob que circunstâncias a família teria sucumbido, interagido ou rejeitado os processos externos que se abateram sobre ela?'.<sup>57</sup> A visão da família como um agente passivo é rejeitada, assumindo-se uma visão de processo interativo. Como as famílias iniciavam e adaptavam-se às mudanças e como viveram o impacto das grandes mudanças estruturais dentro de sua própria esfera são questões que governam a mais rica área de intersecção entre a família e os processos de mudança social.

Existem propostas de uma re- periodização histórica que desse conta da organização do tempo histórico com o tempo da família<sup>58</sup> e existem ainda, muitas questões a responder, tais como saber quais estratégias encetadas pelos indivíduos seriam estratégias do grupo familiar e em que medida e de que forma os vários membros participariam das decisões coletivas que afetavam suas vidas, já que dentro do grupo, tanto as idades como o poder de decisão eram diferenciados.<sup>59</sup> Existem muitos caminhos a explorar, e o 'gato' ainda não completou o seu 'pulo'.

## **Bibliografia citada**

- ALANIZ, Anna G.G- **Ingênuos e Libertos. Estratégias de Sobrevivência Familiar em épocas de transição.. 1871-1895.** Campinas: Centro de Memória- UNICAMP, 1977.
- ARIES, Philippe- **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BACCELLAR, Carlos de A. P. - **Os senhores da Terra. Família e sistema sucessório de engenho do Oeste paulista, 1765- 1855.** Campinas: Área de Publicações CMU/ Unicamp, 1997. 219p. (Coleção Campiniana, 13).

---

<sup>56</sup> Cite-se o trabalho de Tilly e Scott, que descreveram como as jovens filhas trabalhadoras continuavam a manter forte continuidade financeira e afetiva com suas famílias de origem, mesmo aquelas que haviam migrado para outras regiões, em busca de emprego. O trabalho consiste numa análise do impacto da industrialização sobre o trabalho feminino na Inglaterra e França entre 1700- 1950, e narra como muitos pais acompanhavam a trajetória de suas filhas, procurando protegê-las e encaminhá-las no mundo exterior, acionando a rede de parentesco para indicações de emprego e arranjos matrimoniais para todas as classes sociais. Tilly, Louise; Scott, Joan- **Women, Work and Family.** New York: Rinehart and Winston, 1978.

<sup>57</sup> Hareven Tamara- *The History of the Family...*, p.124.

<sup>58</sup> Smith, Daniel S.- *Recent Change and the Periodization of American History Family.* In: **Journal of Family History.** Vol.20, n4, 1995, pp. 329- 346.

<sup>59</sup> Baud, Michel- *Patriarchy and changing family strategies. Class and gender in the Dominican Republic.* Mimeo, sd.

- BASTIDE, Roger- *A Monografia Familiar no Brasil*. In: **Revista do Arquivo Municipal**. N. 78, 1941, pp.5-26.
- BAUD, Michel- *Patriarchy and changing family strategies. Class and gender in the Dominican Republic*. Mimeo, sd.
- BERKNER, Lutz- *The Stem Family and the Developmental Cycle of the Peasant Household: Na Eighteenth- Century Austrian Example*. In: **American Historical Review**. 77 (april1972), pp. 398-418.
- BILAC, Elizabete Dória- "*Convergências e divergências nas estruturas familiares no Brasil*". Trabalho apresentado no Seminário Temático "Família Brasileira". In: **Ciências Sociais Hoje** - 1991. Rio de Janeiro: Vértice/ ANPOCS, 1991, pp.70-94.
- BRUSCHINI, Cristina- *Estrutura Familiar e Vida Cotidiana na Cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, DCS, FFLCH-USP, 1986, mimeo.
- CÂNDIDO, Antônio- *The Brazilian Family*. In: T. Lynn Smith (ed.)- **Brazil. Portrait of a Half Continent**. Nova Iorque: Marchant General, 1951, pp. 291-311.
- CAVALCANTI, Bartolomeu- **A Família em Pernambuco. Mudanças na família da elite açucareira**. Dissertação de Mestrado, Recife: UFPE, 1991
- CORRÊA, Mariza- '*Apresentação*'. In: **Colcha de retalhos. Estudos sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982, pp.7-11.
- \_\_\_\_\_ - *Repensando a família patriarcal brasileira*. In: ALMEIDA, Ângela (org.)- **Colcha de Retalhos. Estudos sobre a Família no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- \_\_\_\_\_ - **História da Antropologia no Brasil (1930-1960)**. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1987.
- COSTA, Jurandir F.- **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- DEMOS, John- **Little Commonwealth: Family Life in Plymouth Colony**. New York, 1970.
- DIAS, Maria O. L. S.- **Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1995;
- D'INCAO, Maria A.- *Família na Literatura: Uma Contribuição ao Estudo da Família no Brasil*. Tese de Livre Docência, Depto de Sociologia e Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Marília, 1989, mimeo.
- DUARTE, Nestor- **A Ordem Privada e a Organização Política Nacional**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939.
- ELLIS JR., Alfredo- **Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-americano**. Bibliot. Pedagógica Brasileira, Col. Brasileira, vol.59, São Paulo: CEN, 1936.
- FREITAS, José L.- "*O mito da família extensa: domicílio e estrutura fundiária em Jundiá (1818)*". In: COSTA, Iraci del Nero (org.)- **Brasil: História Econômica e Demográfica**. São Paulo: IPE, 1986
- FONSECA, Cláudia- "*A História Social no Estudo da Família: Uma Excursão Interdisciplinar*". In: **Boletim Informaivo e Bibliográfico de Ciências Sociais - BIB**. Rio de Janeiro: ANPOCS, n.27, 1<sup>o</sup> semestre de 1989, pp.51-73.
- FREYRE, Gilberto- **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.

- FUKUI, Lia G. F.- **Sertão e Bairro Rural. Parentesco e Família entre Sitiantes Tradicionais.** São Paulo: Ática, 1979.
- GOODE, William- **Revolução Mundial e Padrões de Família.** São Paulo: EDUSP/ Nacional, 1969.
- HAREVEN, Tamara K.-“*The History of the Family as an Interdisciplinary Field*”. In: RABB, Theodore K. (eds.)- **The Family in History. Interdisciplinary Essays.** New York, Harper e Row, 1973, pp. 211- 226.
- \_\_\_\_\_ - *The History of the Family and the Complexity of Social Change.* In: **The American Historical Review.** V.96, n1, feb.1991, pp. 95-124.
- HOLANDA, Sérgio B. de- **Raízes do Brasil.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987, 19ed.
- HORTA, Cid R.- *Famílias Governamentais Mineiras.* In: **Revista de Estudos Mineiros.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1956, pp. 44-91.
- KUZNESOF, Elizabeth A.- *The Role of the Female- Headed Household in Brazilian Modernization..* In: **Journal of Social History,** 13:4 (1980), 589-613.
- \_\_\_\_\_ - *Household, family and community studies, 1976- 1986: a bibliographic essay.* In: **Latin American Population History Newsletter.** N14, fall, 1988.
- \_\_\_\_\_ - *A Família na Sociedade Brasileira: Parentesco, Clientelismo e Estrutura Social (SP, 1700- 1980).* In: **Rev. Bras. de História,** v9, n17, São Paulo: ANPU/Marco Zero,set88/ fev.89.
- LASCH, Christopher- **Refúgio num Mundo sem Coração. A Família: santuário ou instituição sitiada?** São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- LASLETT, Peter- *Introduction. The History of the Family.* In: Laslett, Peter (org.)- **Household and Family in the Past Time.** London: Cambridge University Press, 1972, pp. 1-46.
- LEITE, Miriam L. M.- *Mulheres e Famílias.* In: **RBH. Famílias e Grupos de Convívio.** São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, v.9, n17, set.88/fev.89, pp. 143-178.
- LEWIN, Linda- *Natural and Spurious Children in Brazilian Inheritance Law from Colony to Empire: a Methodological Essay.* In: **The Americas.** XLVIII (3), January 1992, pp. 351-396.
- \_\_\_\_\_ - **Política e Parentela na Paraíba. Um estudo de caso da oligarquia de base familiar.** Rio de Janeiro: Record, 1993.
- LÓNDONO, Fernando T.- *El Concubinato y la Iglesia en el Brasil Colonial.* **Estudos CEDHAL,** n2, São Paulo, USP, 1988.
- MACHADO, Alcântara- **Vida e Morte do Bandeirante.** São Paulo: Col. Paulística, Secretaria da Cultura e Tecnologia, 1978.
- MATTA, Roberto da- *A família como valor. Considerações não familiares sobre a família à brasileira.* In: Almeida, Ângela M. (org.)- **Pensando a família no Brasil.** Rio de Janeiro,: Espaço e Tempo/ Ed. UFRJ, pp. 115-136.
- MARCÍLIO, Maria L.- **A Cidade de São Paulo. Povoamento e População. 1750-1850.** São Paulo: Pioneira- EDUSP, 1973.
- MARCÍLIO, Maria L. (org.)- **Demografia Histórica. Orientações Técnicas e Metodológicas.** São Paulo: Pioneira, 1977.

- MASSI, Fernanda; PONTES, Heloísa- **Guia Bibliográfico dos Brazilianistas: obras e autores editados no Brasil entre 1930 e 1988**. São Paulo: Ed. Sumaré: FAPESP, 1992.
- MELO, Zélia C.- **Metamorfoses da riqueza. São Paulo, 1845-1895**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- MERRICK, Jeffrey- *The Family Politics of the Marquis de Bombelles*. In: **Journal of Family History**. Vol.21, n4, oct.1996, pp. 503-518.
- NEEDELL, Jeffrey- *Identity, Race, Gender and Modernity in the Origins of Gilberto Freyre's Ouvre*. In: **The American Historical Review**, v100:1, Feb.1995, pp. 51-77.
- NOGUEIRA, Oracy- **Família e Comunidade (Um Estudo Sociológico de Itapetininga)**. Rio de Janeiro: CBPE, 1962.
- PINTO, Luís de A. Costa- **Lutas de Família no Brasil: era colonial**. São Paulo: Nacional; Brasília: INL, 1980, 2ed..
- POLLOCK, Linda- *Rethinking Patriarchy and Family*. In: **Journal of Family History**, vol. 23, n1, jan. 1998, pp. 3-27
- QUEIROZ, Maria I. P.de- "Apresentação". In: FUKUI, Lia G. F.- **Sertão e Bairro Rural. Parentesco e Família entre Sitiantes Tradicionais**. São Paulo: Ática, 1979.
- REHER, David- *Pasado, Presente y Futuro de la Demografía Histórica. Unas Reflexiones Personales*. In: **X Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**. ABEP, 1996.
- RUGGLES, Steven- *The Transformation of American Family Structure*. In: **American Historical Review**. Vol99, n1, feb.1994, pp. 103-128.
- SAMARA, Eni de M.- *Tendências Atuais da História da Família no Brasil*. In: Almeida, Ângela M. (org.)- **Pensando a Família no Brasil**, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987, pp.25-36.
- \_\_\_\_\_ - **As Mulheres, o Poder e a Família. São Paulo, século XIX**. São Paulo: Marco Zero/ Secr. de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_ - **Catálogo Bibliográfico. Simpósio Internacional 'Cidadania, Trabalho Feminino e Globalização'**, São Paulo, Cedhal/ FFLCH/USP, 1997.
- \_\_\_\_\_ - *História da Família no Brasil e no México: bibliografia comentada. Série Fontes de Pesquisa*. São Paulo: Cedhal, n.1-A, 1998.
- \_\_\_\_\_ - *"História da Família no Brasil: Bibliografia Comentada"*, Série Fontes de Pesquisa, CEDHAL- FFLCH/USP, 1998.
- SAMARA, Eni de M.; COSTA, Dora I.P.- *Família, Patriarcalismo e Mudanças Sociais no Brasil*, mimeo.
- SAMARA, Eni de M. (org.)- **As idéias e os números do gênero. Argentina, Brasil e Chile no século XIX**. São Paulo: Hucitec- CEDHAL, Vitae, 1997.
- SAMARA, Eni de M- *Os números da população na América Latina: Argentina, Brasil, Chile e Perú no século XIX. Série Fontes de Pesquisa*, São Paulo, Cedhal, n4, vol.1, 1997.
- SCHWARZ, Roberto- **Ao Vencedor as Batatas**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1981.
- SHORTER, Edward- **The Making of the Modern Family**. New York: Basic Books, 1975.
- SILVA, Maria B. N. da- **Sistema de Casamento no Brasil Colonial**. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

- SILVEIRA, Rosa M.G.- *Apresentação*. In: Lewin, Linda- **Política e Parentela na Paraíba. Um estudo de caso da oligarquia de base familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- SMITH, Daniel S.- *Recent Change and the Periodization of American History Family*. In: **Journal of Family History**. Vol.20, n4, 1995, pp. 329- 346.
- SMITH, T. Lynn- **Brasil. Povo e Instituições**. Aliança para o Progresso, Programa de Public. Didáticas- Agência Norte- Americana para o Desenvolvimento Internacional- USAID, Rio de Janeiro, 1969.
- STONE, Lawrence- **The Family, Sex and Marriage in England. 1500-1800**. New York: Harper &Row, 1977.
- SUASSUNA, Raimundo- **Uma Estirpe Sertaneja. Genealogia da Família Suassuna**. João Pessoa: A UNIÃO, 1993.
- TILLY, Louise; Scott, Joan- **Women, Work and Family**. New York: Rinehart and Winston, 1978.
- VIANNA, F. J. de Oliveira- **Instituições Políticas Brasileiras**. 2vol., Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- \_\_\_\_\_ - **Populações Meridionais do Brasil**. Vol.1, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- WAGLEY, Charles- **An Introduction to Brazil**. New York and London: Columbia University Press, 1963.
- WILLEMS, Emilio- *A Estrutura da Família Brasileira*. In: **Revista Sociologia**. Vol. XVI, n4, out.1954, pp.327-340.